

SOBRE A OBRA
O SILENCIOSO HOMEM DA LANÇA: O SONHO COMO
PORTA-VOZ DO INCONSCIENTE
(Valdeci dos Santos - ISBN 978-85-444-0570-3)

Prefácio por Zoraya Maria de Oliveira Marques

Não te aproximes de minha tumba a chorar. Não estou lá. Não durmo aí. Sou como mil ventos a soprar. Sou como um diamante na neve a brilhar. Sou a luz do sol sobre o grão dourado. Sou a chuva gentil do outono esperado. Quando acordas na manhã tranquila, sou o bando de pássaros que canta. Sou também as estrelas que cintilam enquanto a noite cai na tua janela. Por isso, não te aproximes da minha tumba a soluçar. Não estou aí. Eu não morri. (Mary Elizabeth Frye).

A morte é a mais desafiadora incógnita da vida. É o final (ou mudança?) da pista - para onde caminhamos durante toda a nossa existência - sem certeza de qual e como será o episódio marcante, ou o derradeiro motivo do que virá a ser, nosso último suspiro, e do que acontece depois.

Ocorre que, se conviver com a impossibilidade de dissipar tal mistério aguça a nossa percepção dessa impotência, certamente, também, enfatiza a transitoriedade inescapável, a que estamos destinados. Não é a toa que “morre lentamente quem não arrisca a certeza pela incerteza para perseguir um sonho” (Martha Medeiros),

Disso trata este corajoso livro, onde a Autora recorre à escrita autobiográfica, na busca de elucidar um sonho extraordinário que decide nomear de O SILENCIOSO HOMEM DA LANÇA. O representante ou ‘porta-voz’ do seu inconsciente, que irá trazer a tona uma temida revelação: a possível eminência do enfrentamento de um câncer e quiçá, da morte.

É assim que, da descoberta do nódulo com sinais de neoplasia ao desfecho de redescobrir-se VIVA, Ela vai nos levando (bem junto) na compreensão do verdadeiro sentido desta jornada: “o prognóstico de câncer mobilizara a dinâmica da teia epistêmica sobre a morte, sob a perspectiva da *finitude da vida*”.

Sabemos ser impossível explicitar a densidade emocional de tantas reações que podem acometer o ser humano quando a iminência da morte o alcança, e das diferentes formas como cada pessoa reage frente ao anúncio do irremediável: uns se lamentam atônitos e inconformados; outros se revoltam ou se desesperam; há os que se consomem em dor e tristeza; os que se debatem nas teias do medo; e ainda aqueles que se refugiam em orientações religiosas; os que ancoram em razoáveis explicações filosóficas; e há os lutadores.

Dáí porque, se autorizar a discorrer sobre os meandros do complexo e polêmico tema vida-morte, não a partir do mérito ou particularidades de outrem, mas sim no âmago das próprias experiências e descobertas pessoais, permite a Autora tocar (com conhecimento de causa) em determinados mecanismos objetivos-subjetivos fundamentados pelo não-dito sobre o morrer e duplo sentimento de estranhamento e de familiaridade sobre a morte, entre outras importantíssimas reflexões existenciais.

E o faz com muita propriedade e leveza, relacionando-as, inclusive a algumas importantes bases teóricas. Seja em torno do *desconhecido da morte e da angústia do sujeito diante dela; da deificação da vida e do silêncio ruidoso sobre a morte; da tessitura de construções imaginárias e da simbologia sobre a finitude da vida; implícita ao 'movimento significativo do existir'*.

Talvez por se tratar de uma implicada e incansável estudiosa do 'duplo vida e morte', ou porventura, porque se encontra fortalecida pelas próprias superações pessoais diante de perdas difíceis de compreender, na escrita da Autora não há hesitações. Sua análise profunda revela surpreendentes turbulências anunciadas pelo Sonho, ao mesmo tempo em que o trabalho de interpretação lhe ajuda a comprovar que 'é a realização de um desejo', não raras vezes silencioso e latente. A despeito do que possa acontecer, e das batalhas que tiver que enfrentar: Ela quer viver.

VALDECI DOS SANTOS
ESCRITORA

Ademais, o SILENCIOSO HOMEM DA LANÇA, nos faz pensar em nós mesmos, nas próprias lutas que travamos ao longo das nossas vidas. No que precisamos cuidar, resgatar, revalorizar. Em relativizar aquelas (in) certezas e receios que pairam no campo das possibilidades do que, até pode, nunca acontecer.

Remete a reflexão de que, do mesmo modo que "para morrer basta estar vivo", não podemos deixar as oportunidades e desejos se perderem no terreno das irrealizações, afinal, pode-se 'estar morto' de uma infinidade de formas, mesmo ainda vivendo.

Antes, ao me convidar para a escrita do Prefácio, Val me disse que era um pequeno livro. Não é verdade, ele é muito grande. Há nele, o que vai bem mais além do dito no que foi escrito. Há sentimento, intimidade, entrega e coragem. Agora, que é depois, “(...) *por favor entenda, que palavra por palavra, eis aqui uma pessoa se entregando, coração na boca, peito aberto, vou sangrando, são as lutas dessa nossa vida (...)*” que Ela está nos contando.

Lauro de Freitas – Bahia (Brasil), 05 de julho de 2015.

Zoraya Maria de Oliveira Marques

Zoraya Maria de Oliveira Marques. Pedagoga pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (1986). Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2000). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2006). Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.



VALDECI DOS SANTOS

ESCRITORA